

O desprezo pelo Estado nas perspectivas sobre o Cemitério da Soledade em Belém-PA: uma análise à luz da Antropologia das Emoções

Elisa Gonçalves Rodrigues

Universidade Federal do Pará

e-mail: elisagoncalves00@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7309-0404>

Leonardo de Souza Silva

Universidade Federal do Pará

e-mail: leosilvaufpa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0989-1917>

Diogo de Siqueira Bendelak dos Santos

Universidade Federal do Pará

e-mail: dbendelak@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9423-2723>

RESUMO

Este artigo investiga as emoções implicadas antes do projeto de requalificação do Cemitério da Soledade, localizado em Belém do Pará, como espaço turístico e cultural, conforme anunciado em 2021 pela Prefeitura da capital. Pensando esse espaço cemiterial, objetivamos evidenciar a micropolítica que se destaca nas relações emocionais com o local funéreo. Para isso, foram analisados quanti-qualitativamente os comentários feitos sobre o Cemitério em um dispositivo virtual que permite o compartilhamento de impressões turísticas, a plataforma TripAdvisor, considerando 24 comentários datados entre 27 de julho de 2017 e 12 de julho de 2019. A análise dos comentários foi feita a partir da Antropologia das Emoções, com ênfase em sua dimensão emocional. Constatou-se a preponderância do sentimento de desprezo nos comentários analisados, e interpretou-se sua ocorrência como demarcação de um status hierárquico e da produção de uma inversão na relação vertical entre cidadão e Estado. Diante das investigações, concluiu-se haver uma demanda pública pela ressignificação do Cemitério da Soledade enquanto patrimônio cultural e material da cidade.

Palavras-chave: Patrimônio; Antropologia das Emoções; Turismo; Cemitério.

Contempt for the State in perspectives on the Cemetery of Soledade in Belém-PA: an analisys in the light of the Anthropology of Emotions

ABSTRACT

This article investigates the emotions involved before the requalification project of the Cemitério da Soledade, located in Belém do Pará, as a tourist and cultural space, as announced in 2021 by the City Hall of the capital. Thinking about this cemetery space, we aim to highlight the micropolitics that stands out in the emotional relationships with the funeral site. For this, the comments made about the Cemetery in a virtual device that allows the sharing of tourist impressions, the TripAdvisor platform, were analyzed quantitatively and qualitatively, considering 24 comments dated between July 27, 2017 and July 12, 2019. comments was made from the Anthropology of Emotions, with emphasis on its emotional dimension. The preponderance of the feeling of contempt was observed in the analyzed comments, and its occurrence was interpreted as the demarcation of a hierarchical status and the production of an inversion in the vertical relationship between citizen and State. In view of the investigations, it was concluded that there was a public demand for the resignification of the Soledade Cemetery as a cultural and material heritage of the city.

Keywords: Patrimony; Anthropology of Emotions; Tourism; Cemetery.

El desagrado al Estado em perspectivas del Cementerio de la Soledade em Belém-PA: um análise à luz de la Antropología de las Emociones

RESUMEN

Este artículo investiga las emociones involucradas ante el proyecto de recalificación del Cemitério da Soledade, ubicado en Belém do Pará, como espacio turístico y cultural, anunciado en 2021 por el Ayuntamiento de la capital. Pensando en este espacio del cementerio, pretendemos resaltar la micropolítica que se destaca en las relaciones afectivas con el lugar funerario. Para ello, se analizaron cuantitativa y cualitativamente los comentarios realizados sobre el Cementerio en un dispositivo virtual que permite compartir impresiones turísticas, la plataforma TripAdvisor, considerando 24 comentarios fechados entre el 27 de julio de 2017 y el 12 de julio de 2019. la Antropología de las Emociones, con énfasis en su dimensión emocional. Se observó la preponderancia del sentimiento de desprecio en los comentarios analizados, y su ocurrencia fue interpretada como la demarcación de un estatus jerárquico y la producción de una inversión en la relación vertical entre ciudadano y Estado. Ante las investigaciones se concluyó que existió una demanda ciudadana por la resignificación del Cementerio de la Soledad como patrimonio cultural y material de la ciudad.

Palabras clave: Patrimonio; Antropología de las Emociones ; Turismo; Cementerio.

Introdução

O incentivo para transformar cemitérios em locais turísticos tem ganhado espaço na contemporaneidade. Fora do Brasil já há espaços de eventos traumáticos e/ou lutosos com este fim, como o Cemitério Central de Viena e os antigos campos de concentração na Alemanha (STONE; SHARPLEY, 2008). Para Charlene Del Puerto (2016), os campos-santos são polêmicos e de aura misteriosa, fascinantes e repudiantes. São espaços de conflitos e paradoxos sentimentais e emocionais visitados por pessoas dispostas a acionar afetos, memórias¹ e curiosidades acerca de sepultamentos. Seu uso turístico é demasiado discutido. Afinal, como este espaço pode ter abrangência turística?

Com o recorte do local de pesquisa feito na cidade de Belém (PA), este movimento de ressignificação se faz presente no Cemitério da Soledade, localizado no bairro Batista Campos, próximo ao bairro de Nazaré, à Avenida Serzedêlo Corrêa. Ocupando uma área nobre e acessível de aproximadamente 24.000m², o espaço datado em 1850 sob fortes influências do Romantismo, da *Belle Époque*² e da *Art-Nouveau*³, marca um período histórico de uma Belém voltada para a produção e exportação do Látex para os países europeus. Os grandes comerciantes recebiam altos valores pelos produtos, e isso permitia um investimento maior na urbanização de uma cidade ocupada por ricos e pobres (RODRIGUES; SOUZA, 2014).

Devido a uma série de problemas estruturais, que serão discutidos com mais profundidade no tópico a seguir, há pouco tempo veiculou pelas redes sociais a notícia

¹ Lembremos que memória é um referencial de vida, constituído de forma consciente ou inconsciente, a partir das vivências pessoais e/ou coletivas. Ela é um fenômeno que gera pertencimento, identidades e questionamentos, por exemplo, sobre um espaço frequentado, tal como o Cemitério da Soledade. A partir dela as pessoas se posicionam, argumentam e dão sentido às coisas, aos lugares e à própria vida (BORGES; CAVALCANTE JÚNIOR, 2010; POLLAK, 1992).

² *Belle Époque*, do francês “bela época”, foi um período de grande avanço em várias esferas desfrutado pelas potências ocidentais, sobretudo as europeias, entre 1871 a 1914. O estilo de vida, atrelado aos avanços científicos e tecnológicos fizeram da França, precisamente Paris, o centro global de toda influência educacional, científica, médica e artística após a instauração da Terceira República Francesa.

³ Movimento artístico da *Belle Époque*, a *Art Nouveau* foi um conjunto de fazeres ornamentais de cores e formas sinuosas. Tratava-se, portanto, de uma corrente estilística que se entrelaçava com o Romantismo, Simbolismo, Expressionismo, Impressionismo e Ecletismo na Arquitetura, muito presente nas construções de edifícios, pinturas, escrita e, também, nas artes funerárias e tumulares.

sobre o Projeto de Requalificação⁴ e restauração⁵ do Soledade, divulgada no dia 12 de julho de 2021 por meios oficiais estatais⁶ e de imprensa local como o G1 Pará (2021). De acordo com as reportagens, a proposta acordada entre o governo estadual e a Prefeitura de Belém (PA) pretende restaurar e transformar o espaço em um parque que abrigará um museu e ações culturais públicas.

Ao contrário das políticas públicas de manutenção do espaço cemiterial, que em determinados momentos minguaram e até mesmo se mantiveram suspensas, os pedidos para um cuidado maior com o Soledade continuaram a existir em diferentes esferas (RODRIGUES, 2014). Uma delas é a das mídias, que são dispositivos comunicacionais que permitem o compartilhamento de percepções, aprendizados, informações e conhecimentos (BEVORT; BELLONI, 2009).

A plataforma TripAdvisor⁷ é um exemplo que, conforme Alice Leoti, Tércio Pereira, Luciano Tricário, Diva Rossini (2019) e Tércio Pereira e Pablo Flôres Limberger (2020), permite a interação entre turistas que visitam diferentes locais do mundo e que deixam as suas interpretações sobre esses lugares por meio de comentários. A plataforma possui espaço livre para que turistas coloquem suas impressões e fotos dos locais visitados, fazendo dela uma “vitrine” virtual tanto para turistas e curiosos (as), quanto para nós pesquisadores(as) que vemos ali a possibilidade de leitura, coleta de dados, pesquisa e observação sobre os ambientes visitados. Especialmente para as observações sobre patrimônios presentes no país, a plataforma se posiciona neste meio condutor de maneira hábil no que diz respeito às informações e imagens contidas, que permitem sanar a curiosidade ou o andar das pesquisas, ainda que o espaço esteja interdito por alguma razão.

⁴ Norteados(as) por Maria Tereza Luchiari (2005) e André da Rocha Santos (2014), compreendemos que a requalificação de patrimônios arquitetônicos corresponde a uma atribuição de novos sentidos e usos a um espaço, visando atender a demandas atuais como a do mercado e a do turismo que, em alguns casos, são sobrepostas as práticas populares e culturais realizadas no espaço antes da sua modificação, produzindo o que pesquisadores(as) e demais críticos entendem por gentrificação do patrimônio.

⁵ Lembremos que a restauração corresponde a intervenções em obras, monumentos e/ou patrimônios com problemas de conservação, visando mantê-los ou deixá-los o mais próximo possível de sua originalidade e assim evitar seu possível fim. Trata-se de um processo minucioso de restituição estética, histórica e funcional, apesar de ferir a autenticidade daquilo que é restaurado (ALOISE, 2014).

⁶ Governador Helder Barbalho anuncia a transformação do cemitério em um museu a céu aberto. Disponível em: <<https://twitter.com/helderbarbalho/status/1414639564132605955>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

⁷ Disponível em <<https://www.tripadvisor.com.br>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

Adentramos o site e, devido ao número de comentários sobre o Cemitério da Soledade, estipulamos um recorte dos últimos dois anos. Ademais, para nós, ela nos permitiu ter acesso a informações sobre o campo santo em um momento de pandemia — quando o trabalho *in situ* estava impossibilitado — e no qual o espaço encontrava-se interdito para o Projeto de Requalificação. De forma quanti-qualitativa, analisamos 24 comentários datados entre 27 de julho de 2017 a 12 de julho de 2019 (TRIPADVISOR, 2017; 2018; 2019), que nos ajudaram em nosso papel de resgatar e compreender emoções e desejos que poderão ser atendidos(as) ou não pelo Projeto de Requalificação.

A análise dos comentários foi feita a partir de autores(as) da Antropologia das Emoções, dentre os quais Claudia Barcellos Rezende, Maria Cláudia Coelho (2010) e David Le Breton (2019) retomam os caminhos traçados por Mauro Guilherme Koury (2015), um dos que inauguram as discussões sobre a área no país, junto de Gilberto Velho, que enfatizam o trabalho de Coelho (2010), no qual, seguindo a análise feita por William Ian Miller (1997) sobre os sentimentos de nojo e desprezo, evidencia a dimensão micropolítica das emoções. Procuramos analisar essa dimensão na relação dos usuários do site TripAdvisor com o Cemitério da Soledade a partir dos comentários da plataforma. Inspirados(as) nestes autores e considerando que o Cemitério da Soledade é um local de relevância turística que está presente no *site*, abraçamos a metodologia⁸ dos autores acima citados para pensar o campo de estudo a partir de comentários escritos na plataforma.

A questão que norteia o artigo é: de que maneira situar a dimensão micropolítica implicada no aspecto emocional dos comentários feitos na plataforma sobre o Soledade? Para responder tal pergunta, recorreremos a um estudo sobre o sentimento de desprezo feito por Miller (1997), que dá a esse sentimento uma definição micropolítica⁹ situada nas relações hierárquicas da sociedade, seja em sua forma hierárquica tradicional ou democrático-igualitária. Fomos levados à obra de Miller em razão de termos notado, durante a leitura dos comentários, que o Cemitério da Soledade surgia na maioria deles sob o signo da degradação e do abandono, o que nos fez suspeitar de uma relação

⁸ Em seus artigos os(as) autores(as) categorizam as emoções presentes nos comentários em *softwares* como o *Excel* e o *NVivo 12 plus*, para depois analisá-los com base em suas referências. No caso deste artigo, nós categorizamos os comentários no *Microsoft Word*, ou seja, em um *software* de edição de texto, e em seguida, identificamos os sentimentos explícitos e implícitos presentes nos 24 comentários analisados, amparados(as) em autores(as) da Antropologia das Emoções.

⁹ Rezende e Coelho (2010, p. 75) configuram Micropolítica das Emoções como a relação entre um sentimento associado no senso comum ocidental à espontaneidade da escolha individual e suas formas de estratificação social conduz à dimensão emocional micropolítica das emoções, isto é, o potencial de dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrossocial em que as emoções são suscitadas e vivenciadas.

hierárquica na qual o Cemitério era alvo dessa degradação e desse abandono por um agente superior.

Sendo assim, num primeiro momento apresentamos um breve histórico do Cemitério da Soledade e dos problemas que levaram à propositura do projeto de reestruturação mencionado. Em seguida, tecemos algumas considerações sobre a relação entre patrimônio e historicidade para sustentar que a ideia de um potencial turístico do espaço cemiterial é não só possível como também viável. Na sequência, percorremos a Antropologia das Emoções, contextualizando e circunscrevendo essa área de estudo até alcançarmos a temática da Micropolítica das Emoções. Nesse momento, daremos particular atenção à teoria de Miller (1997) sobre o sentimento de desprezo, ressaltando sua implicação e articulação em relações sociais hierárquicas.

Após a discussão sobre Antropologia das Emoções e o sentimento de desprezo, passaremos à análise propriamente dita dos comentários do *site* TripAdvisor. Nesta seção, mostraremos como o sentimento de desprezo se destaca nos diversos comentários analisados e de como ele descortina um universo relacional discursivo que implica relações hierárquicas típicas das sociedades ocidentais democráticas, envolvendo a cidadania, o espaço público e o Estado. E, por fim, apresentamos as nossas considerações finais acerca das nossas interpretações sobre o conteúdo desses comentários.

Conhecendo a potencialidade do Cemitério em Soledade

Na época da fundação do Cemitério da Soledade, Belém passava por tempos difíceis em relação à saúde da população. Imperavam epidemias¹⁰ de febre amarela, cólera e varíola que vitimaram várias pessoas que necessitavam ser enterradas em um local apropriado em uma cidade que, até então, continha cerca de 75.000 habitantes e 20.000 escravizados espalhados por apenas dois bairros, o da Freguesia da Sé e o da Freguesia da Campina, e pequenas casas de campo (RODRIGUES, 2014; SILVA, 2014). Os corpos eram enterrados separadamente. Os ricos eram sepultados em igrejas, enquanto os escravizados

¹⁰ Paula Caluff Rodrigues (2014) fez um levantamento bibliográfico que a ajudou a explicar o surgimento e os impactos das epidemias. De acordo com seus estudos, a primeira grande epidemia no estado do Pará foi a da febre amarela, em 1850, provocada pela vinda de imigrantes doentes em embarcações dinamarquesas e pernambucanas, levando à infecção de 12.000 pessoas e 593 mortes. A segunda foi a da cólera em 1855, trazida a Belém por imigrantes portugueses que buscavam oportunidades econômicas, mas que levaram à infecção e morte de milhares de pessoas, principalmente pobres que foram enterradas em valas comuns. E a terceira foi a da varíola, provocada pela vinda de imigrantes nordestinos que fugiam da seca no final dos anos de 1870, mas que infectaram tantas pessoas que o governo da época inaugurou o Cemitério de Santa Isabel para ajudar a atender a demanda de corpos mortos.

tinham como destino os pequenos campos-santos sem demarcações. Com as enfermidades, a demanda por enterros aumentou e, como estes eram inadequados, o governo¹¹ inaugurou o Soledade, a primeira necrópole pública da cidade de Belém (SILVA, 2014).

Com inspirações europeias, seus mausoléus são semelhantes aos dos espaços cemiteriais franceses, italianos e portugueses. Com o auge da Belle Époque, as famílias ricas contratavam artistas famosos que elaboravam verdadeiras obras de arte que destacavam a persona do ente sepultado, sendo então possível identificar visualmente quais túmulos pertenciam a ricos, pobres ou escravizados, cujos enterros eram financiados por doações ou pela elite (SILVA, 2014; SOUZA, 2014).

Entre 1875 e 1880 os enterros no local foram cessados. O ciclo de sepultamentos encerrou com cerca de 30.000 cadáveres e, depois, criou-se o Cemitério Santa Izabel para dar continuidade à prática. No século XX, o Cemitério da Soledade foi inserido nas políticas de tombamento do Instituto Histórico do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN), o que foi concretizado em 1964, sob a chancela de patrimônio paisagístico nacional (SILVA, 2014; SOUZA, 2014).

Apesar do tombamento¹² em 1964 — provocado pela possibilidade de demolição e mobilização popular (RODRIGUES, 2014) — e da desativação, o Cemitério da Soledade continuou a ser espaço de devoção e “cenário de manifestações religiosas, como novenas, orações às almas e agradecimentos de graças alcançadas, ou mesmo atividades apenas contemplativas” (SILVA, 2014, p. 48). Com estes usos, ainda que a prerrogativa das medidas de proteção ao patrimônio tenha se ampliado, a manutenção destes espaços nota-se alheia ao seu tombamento, uma vez que este não acompanha a vigência de recursos necessários para a conservação e manutenção. A destruição em decorrência do tempo, falta de manutenção ou mau uso é uma problemática recorrente dos espaços cemiteriais (GONÇALVES, 2015).

Os cemitérios e os sepultamentos foram transferidos à tutela dos municípios e cabe a eles dispor sobre a administração, à fiscalização e o licenciamento como bem alude a

¹¹ Com o processo de secularização dos campos-santos, movimento em que os cemitérios deixam de ser administrados pelas igrejas e passam a ser geridos pelo Estado, resguardavam a população, uma vez que os enterros feitos nas igrejas representavam um perigo de contaminação devido a exposição dos corpos em decomposição, tornando-se uma questão de saúde pública.

¹² Para compreender o que é e como se deu o processo de tombamento, indicamos a leitura da dissertação “Duas faces da morte: O corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA”, da autora Paula Caluff Rodrigues (2014).

Resolução nº 335 de 2003 (BRASIL, 2003), do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), sustenta Barcellos (2017). Em Belém, por exemplo, a Lei Orgânica do Município, no artigo 37, inciso XXIII, estabelece que compete ao Município regular os serviços funerários, administrar os cemitérios e fiscalizar os que pertencem a entidades particulares. Apesar disso, os cemitérios sofrem por ações externas de destruição como artes tumulares manchadas, depredação e jazigos quebrados ou revirados, configurando o descaso administrativo e governamental. Para além do Soledade, cemitérios como o Santa Izabel, localizado no bairro Guamá, expressam o descuido às sepulturas.

Foi no contexto dessa crise administrativa de manutenção que se lançou a proposta anteriormente mencionada de conversão do Soledade em espaço turístico. Logo que o projeto foi anunciado, o G1 Pará (2021) reforçou o papel do cemitério enquanto símbolo de história e memória, e informou o tempo previsto para a obra (12 meses) e suas futuras etapas, visando um ainda não detalhado projeto de musealização. É importante lembrar que este não é o primeiro projeto pensado para o local. Paula Andréa Calluf Rodrigues (2014) narra planos anteriores, como a sua conversão em Cemitério-Parque, na década de 1990, que não saiu do papel devido à mudança do governo da época. Desde então, ocorreram apenas ações esporádicas.

O Cemitério como espaço turístico em potencial

Nesse contexto, a ideia de revitalização do cemitério como espaço turístico parece atraente como alternativa para evitar sua deterioração. Del Puerto (2016) pontua que esta possibilidade provoca espantos, pois, no senso comum, a necrópole é o local dos mortos e o turismo representa a transitoriedade dos vivos. Contudo, ela ressalta que o espaço também é vida, uma vez que nele há inscrições, artes, simbolismos, personalidades, identidades e memórias presentes nos túmulos, na arquitetura e nos visitantes (PUERTO, 2016). Dessa forma, para ela, os cemitérios fornecem informações essenciais para que os consideremos como patrimônio e potenciais locais para atividades turísticas.

Vale ressaltar que patrimônio é, segundo a antropóloga Regina Abreu (2009), a articulação de categorias como cultura, tradição e herança. Ao mesmo tempo, segundo Maria Leticia Ferreira (2006), o patrimônio é um esforço pela continuidade do passado no presente e no futuro que precisa ser reconhecido e valorizado por pessoas que, a partir dele, desenvolvem relações e simbolismos que, como apontamos e iremos reforçar no decorrer deste artigo, encontram-se também presentes nos espaços cemiteriais.

Ademais, Izabela Tamasso (2012) ressalta que os patrimônios se multiplicam e se expandem e, a partir de um apanhado teórico, aponta-o como um promotor de benefícios ao criar vínculos entre diferentes gerações, gerar representatividade entre os cidadãos e cidadãs, acionar sentimentos, aumentar a autoestima de populações e contrariar a transitoriedade das coisas.

Por seu forte vínculo com o passado, o patrimônio pode ser entendido como um mensageiro e conservador do tempo e da vida, o que não implica sentidos estagnados, pelo contrário, estes são ressignificados e/ou ampliados com o passar do tempo e das novas vivências, o que permite a sua continuidade e transformação em outros contextos. Lembremos também que, nós humanos, não conseguimos lembrar de tudo, ou seja, por mais que o patrimônio conserve o tempo e a vida, é natural que esqueçamos algumas informações e passemos a ressignificá-lo. Essa dualidade implica tanto em fixações de vivências, quanto em uma liberdade para a atribuição de novos sentidos e a criação de novas memórias (FERREIRA, 2006; SIBONY, 1998).

Reforçar que o patrimônio está em constante movimento é importante porque as composições sociais mudam, logo, as interpretações sobre ele também seguem o mesmo caminho. Há exemplos de espaços cemiteriais que, a princípio, podem provocar estranhamentos por suas atividades além do rito funerário e por não se restringirem à dor e ao sofrimento, mas que não fogem desse sentido de um passado ressignificado. É o caso dos campos-santos São João Batista (RJ), Consolação (SP) e Araçá (SP), visitados pelos fatores acima apontados e, também, pela fé dos(as) visitantes em santos populares, pela realização de ações culturais e a presença da área verde na qual eles se encontram (PUERTO, 2016; STONE; SHARPLEY, 2008).

A partir dos exemplos, nota-se que o espaço cemiterial tem grande potencial turístico¹³. Não à toa, atualmente há incentivos para a sua transformação em pontos para além de funções ritualísticas e fúnebres, abrangendo seu espaço estrutural e imaginário para outras atividades que podem ser educacionais, culturais, contemplativas e também turísticas (STONE; SHARPLEY, 2008). A reforma de patrimônios com estes fins é uma prática recorrente nos últimos anos, sob a intenção de popularizá-los e promover o compartilhamento de suas construções físicas e fantásticas. Ressaltamos que o turismo

¹³ Para maiores aprofundamentos no debate sobre cemitérios como espaços turísticos, indicamos a leitura dos trabalhos ““Milagreiros”: Um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929–1978)” e “Saudades, Reencontros e Manicuera: espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA”, escritos, respectivamente, por Michelle Ferreira Maia (2015) e Valéria Fernanda Sousa Sales (2022).

possibilita o desenvolvimento em diversos setores da sociedade ao compreender o econômico, social, cultural e o ambiental, e gerar empregos para diferentes agentes (LEOTI; PEREIRA; TRICÁRICO; ROSSINI, 2019).

Pensando nestas potencialidades turísticas e em como elas podem despertar as mais diversas sensorialidades, percepções e emoções a respeito de um mesmo local, discutiremos a seguir a maneira como os usuários da plataforma TripAdvisor se posicionam em relação à estrutura física do Cemitério da Soledade, bem como investigar o movimento de horizontalidade da hierarquia das emoções na relação entre Estado e cidadão, que se subverte nas análises propostas por Miller (1997) e Rezende e Coelho (2010).

A Antropologia das Emoções e a micropolítica do desprezo

Michelle Rosaldo (1984) assinala que as emoções são pensamentos sentidos e sintomatizados em nosso corpo. Com a sua movimentação, conseguimos identificá-las e verbalizá-las, e o fato de estarmos envolvidos com o sentimento muda a percepção sobre as nossas emoções. Com este parecer, Rosaldo (1984) pontua duas problemáticas importantes no atravessamento das emoções na Antropologia: o marco entre a emoção e corpo e a divisa entre a emoção e a razão. Notando estas duas tensões, percebe-se a dificuldade própria do indivíduo de, às vezes, reconhecer e compreender seus próprios sentimentos, e conseguir fazer este processo de compreensão é fundamental para postulá-los, e assim, comunicar-se socialmente.

Embora as emoções construam-se de diversas maneiras, elas apresentam-se configuradas numa série de expressões, sentimentos e rituais que são compreendidos culturalmente por um mesmo nicho (MAUSS, 2001), isto é, as características culturais locais reproduzem em seu espaço, representatividade e suas especificidades. Sendo assim, a cultura que as compreende agrega e segrega suas simbologias, os impedindo ou não de serem captados:

Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso somente porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer.

Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica. (MAUSS, 2001, p. 153).

Le Breton (2019) tece considerações sobre as emoções e os sentimentos como inerentes e que derivam um do outro, e pontua que “o sentimento instala a emoção no tempo, diluindo-a numa sucessão de momentos conexos: ele implica uma variação de intensidade que resta, entretanto, numa mesma linha de significado” (LE BRETON, 2019, p. 140). Apoiando-se em uma análise feita por Steven Gordon, Le Breton (2019) expõe que o sentimento combina sensações do corpo, gestos e significados culturalmente aprendidos por meio de relações sociais. O autor ressalta ainda que o sentimento remonta a afetos acerca de um objeto. Interessa-nos demarcar aqui o quanto o sentimento implica a relação afetiva do indivíduo com determinado objeto, pois, no presente artigo, investigamos, a partir da análise de comentários da plataforma de viagens TripAdvisor, como essa relação se dá com o Cemitério da Soledade¹⁴.

Diferente do sentimento, para Le Breton (2019, p.145) “a emoção é a definição sensível do acontecimento tal como o vive o indivíduo, a tradução existencial imediata e íntima de um valor confrontado do mundo”. Essa distinção é de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. Como enfatizado no parágrafo anterior, ao instalar a emoção no tempo, o sentimento se apresenta em uma linha de significado, sustentando-se também em uma relação com determinado objeto, ao passo que a emoção é imediata, uma definição sensível da vivência do indivíduo.

Sentimentos e emoções têm, portanto, uma relação intrínseca, não podendo haver dissociação entre ambos, e tanto um quanto o outro, ainda que apresentem um aspecto singular que depende da particularidade de cada indivíduo, também estão submetidos a uma simbólica social. Le Breton (2019) nos coloca que as emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, bem como em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com sua cultura e valores. Portanto, constituem formas organizadas de existência, identificáveis no seio de um mesmo grupo, porque elas provêm de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais.

Como se pode notar a partir do trecho acima, há um duplo aspecto, individual e social, na expressão de sentimentos e emoções. Se por um lado cada indivíduo tem uma

¹⁴ Uma leitura que pode contribuir na compreensão dessa relação é o texto *The Anthropology of Emotions*, dos autores Catherine Lutz e Geoffrey M. White, de 1986.

forma particular de expressar emoções, por outro, tal expressão depende da maneira como cada um se apropriou pessoalmente da cultura e dos valores que o cercam. Além dessa articulação entre indivíduo e sociedade na expressão das emoções e sentimentos, há uma outra que demarca relações de natureza política entre grupos sociais distintos. Essa demarcação aparece na corrente contextualista em Antropologia das Emoções proposta por Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod (1990).

Ao traçarem um mapa antropológico do campo das emoções, Lutz e Abu-Lughod (1990) dividiram-no nas seguintes correntes: essencialista, historicista e relativista, e opuseram a estas três uma perspectiva alternativa que denominaram de contextualista (REZENDE; COELHO, 2010), sendo esta a perspectiva utilizada neste artigo, pois ela nos permite pensar uma micropolítica das emoções em que estas aparecem vinculadas a relações de poder. Lembremos que esta corrente é inspirada pela noção de discurso de Michel Foucault, que compreende “como uma fala que forma aquilo sobre o que fala, ao invés de manter com ele uma relação de referência, como algo que lhe seria externo” (COELHO, 2010, p. 268).

Nesse sentido, a emoção é circunscrita à noção de discurso, na medida em que este é entendido como constituinte do real de que fala. As emoções aparecem então dotadas de movimentos que podem alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais (REZENDE; COELHO, 2010). Essa dimensão política da vida afetiva é o que permite pensá-la como atravessada por relações de poder e estruturas hierárquicas, o que, como veremos em nossa análise, o sentimento de desprezo demonstra de maneira clara. Miller (1998) compreende o desprezo como um sentimento que suscita questões referentes à relação entre as emoções e a ordem social, com aspectos referentes a essa ordem, tais como seu caráter justo ou injusto, bem como com a micropolítica da interação em seu interior.

María Elvira Díaz-Benítez, Kaciano Gadelha e Everton Rangel (2021) propõem a utilização das categorias de nojo, desprezo e humilhação para a análise de marcadores sociais de diferença e desigualdade, particularmente no que diz respeito à ativação e atualização de hierarquias de gênero, raça e classe, como podemos observar nos fenômenos de racismo, homofobia e transfobia. No que se refere ao desprezo, de acordo com Miller (1997), independente da forma e do contexto no qual se inscreve, pode-se constatar seu valor moral e social, na medida em que ele “[...] constitui o complexo

emocional que articula e mantém a hierarquia, o status, a categoria e a respeitabilidade. E a diferença de status e categoria são as condições do desprezo” (p. 217, tradução nossa)¹⁵.

Miller (1997) chama atenção ainda para o caráter retroalimentar do sentimento de desprezo, já que tal sentimento ao mesmo tempo cria e sustenta as estruturas hierárquicas que geram a capacidade de fazê-lo aparecer. É essa dimensão micropolítica do desprezo, que descortina e produz relações hierárquicas na ordem social em uma determinada cultura, que nos levou a utilizá-lo como categoria em nossa análise. Para o autor, o estilo e significado do desprezo estão intimamente ligados ao contexto social e cultural onde ele surge. Em culturas com sistemas hierárquicos rígidos e bem definidos, à diferença das culturas democráticas e igualitárias, o desprezo aparece tendo o sentido de manifestar satisfação de si e indiferença ao outro.

Sendo assim, duas condições discursivas são necessárias para esse tipo de desprezo, também chamado por Miller de desprezo para baixo ou hobbesiano: saber exatamente o lugar a que se pertence na relação com o outro e ter segurança de que esse outro, alvo do desprezo, passará despercebido, invisível, e não ameaça de forma alguma a destituição desse lugar (MILLER, 1997). Como se pode ver, o desprezo para baixo se dá em uma relação hierárquica onde os lugares são fixos, não-intercambiáveis, exercendo-se do polo hierárquico superior em direção ao inferior.

Além desse desprezo para baixo ou hobbesiano, o autor também se refere ao que denomina desprezo para cima, o qual se expressa na hierarquia de modo inverso ao primeiro. No desprezo para cima, não estamos diante de uma relação hierárquica fixa, já que, em nossas sociedades democráticas ocidentais, há uma pluralidade de contextos e categorias sociais. Como afirma Miller¹⁶ (1997, p. 221, tradução nossa):

Na verdadeira micropolítica de qualquer interação concreta pode haver todos os tipos de fatores antagônicos capazes de alterar o estilo preciso de ajuste mútuo do status. Dada a proliferação de papéis, o pluralismo e a relevância de certos espaços públicos, pessoas convencionalmente inferiores podem às vezes competir livremente a respeito de quem exerce um desprezo reativo e/ou constitutivo [hobbesiano].

¹⁵Trecho original: “Contempt is the emotional complex that articulates and maintains hierarchy, status, rank, and respectability.”

¹⁶Trecho original: “In the actual micropolitics of any particular encounter all kinds of competing factors may alter the precise style of mutual status adjustment. Given role proliferation, pluralism, and the significance of certain public spaces, the conventionally low may at certain times be able to compete freely as to whose contempt gets styled as reactive and whose as constitutive.”

Portanto, o exercício do desprezo é relativo ao contexto, lugar social e aos diversos papéis na sociedade, o que torna possível um desprezo hobbesiano, de cima para baixo, de alguém que é convencionalmente categorizado como inferior na estrutura hierárquica. A esse respeito, Miller (1997) utiliza como exemplo um encontro imaginário entre ele, um pesquisador intelectual, e um pedreiro: trata-se de um encontro diferente se ele ocorre na varanda de sua casa ou num bar típico da classe trabalhadora. Esse exemplo nos permite pensar que, embora possamos conceber uma relação hierárquica mais ou menos fixa no imaginário de determinada sociedade, essa hierarquia é relativizada, ao menos no que toca à micropolítica das emoções, e particularmente ao exercício do desprezo, no contexto social onde ela se exerce.

Por esse motivo, podemos afirmar que, em relação ao desprezo para cima, não se trata de recorrer a um critério objetivo de diferenciação entre quem está em posição hierárquica superior e inferior, mas sim do reconhecimento de que quem ocupa uma posição superior, num dado contexto de interação social, tem um nível mais baixo do que se presume (MILLER, 1997). Apesar disso, para o autor, o desprezo para cima possui um caráter reativo, isto é, seu exercício constitui uma relação hierárquica em que o agente do desprezo se localiza num polo inferior e é consciente da reatividade de seu sentimento (MILLER, 1997). Isso significa que, apesar de pressupor uma relação hierárquica e contestar as posições superior e inferior nela dadas, o desprezo para cima em momento algum destitui a hierarquia.

Então, Miller (1997) constrói a perspectiva de que o desprezo convencional corresponde à hierarquia, ou seja, a grupos sociais prioritários. Já o desprezo de baixo para cima “concede algum espaço psíquico aos inferiores”¹⁷ (MILLER, 1997, p. 221, tradução nossa). É precisamente neste espaço psíquico que pretendemos localizar a relação entre os agentes da maior parte dos comentários feitos no *site* TripAdvisor, o Cemitério da Soledade e as entidades do Poder Público competentes em preservá-lo, como demonstraremos a seguir.

¹⁷ Trecho original: “If conventional contempt constitutes hierarchy, upward contempt makes for some psychic space for the low.”

Os comentários sobre o Cemitério da Soledade como expressão de desprezo pelo Estado

Compreendendo essa análise, os comentários recortados retratam uma variedade de emoções que se constroem ao entorno do Cemitério da Soledade, sendo elas frustração, indignação, tristeza, contemplação/admiração, encantamento, tranquilidade/calma/paz/sossego, medo e aversão. Junto a elas, notamos também uma “categoria informativa”, voltada para os comentários que somente informam o que há na necrópole.

Ao nos depararmos com os comentários, notamos que estes emitem mais de uma emoção, e que apesar de reconhecer o campo-santo como potencial ponto para turismo e musealização, não deixavam de apresentar também comoção diante de sua condição de abandono. Ao interpretarmos esses sentimentos, individualmente dividimos com o coletivo falando o que sentimos, lembrando que estas expressões são reguladas por regras sociais que interferem em como, quando e para quem serão manifestadas, e por isso, possuem tanto um caráter particular, quanto comum (REZENDE; COELHO, 2010).

Verificamos, por meio dos comentários, que os(as) visitantes ressaltam a necessidade de uma requalificação deste espaço cemiterial visando outras perspectivas e aproveitamentos que não deixassem o espaço cemiterial se dissolver ou ser apagado da memória. Alguns dos comentários mostram que o ambiente só teria utilidade para estudiosos e entusiastas da arte por conta das artes tumulares, que não contam com manutenções ou reformas há anos.

O que mais se evidenciou nos 24 comentários analisados foi a indicação, por parte dos usuários do site TripAdvisor, de que entidades do Poder Público, que deveriam garantir a manutenção e preservação adequada do Cemitério da Soledade, negligenciam-no. Dos 24 comentários, 14 deles ressaltam explicitamente o abandono do local por parte de quem deveria cuidá-lo. Nesse sentido, um dos comentários afirma: “Há alguns anos escutei que seria considerado um parque, porém está abandonado: mato alto, estatuetas e tumbas sujas e quebradas. Muito triste ver o abandono em uma área tão bonita da cidade”.

Como se pode notar a partir desse comentário, o Cemitério da Soledade é tido como um espaço da cidade de Belém abandonado por quem deveria preservá-lo adequadamente — no caso, entidades do Poder Público —, o que também denota uma quebra de expectativa em relação ao que esse espaço poderia ser. Lembremos, aqui, que, desde a década de 1990, havia um projeto para transformar o Cemitério da Soledade em

um Cemitério-Parque. O comentário que transcrevemos acima recupera a memória desse projeto abandonado e ainda ressalta descritivamente o abandono que identifica: “mato alto, estatuetas e tumbas sujas e quebradas”.

A palavra “abandono” — ou uma variante sua como “abandonado” — foi escrita em 14 dos 24 comentários analisados. Um dos comentários que a trouxe foi intitulado: “Abandonado, mas relata a história da cidade”. Como ressaltamos na Introdução, a competência de regular os serviços funerários, administrar os cemitérios e fiscalizar os que pertencem a entidades particulares é do município de Belém, estabelecida em sua Lei Orgânica, e que, atrelado ao seu status de tombado pelo IPHAN, deveria acumular uma maior preocupação com sua estrutura. Essa competência comparece nos comentários feitos sobre o Cemitério da Soledade, às vezes explicitamente, como no seguinte: “Bem que poderia ser um belo museu a céu aberto, porém está totalmente abandonado pelo governo municipal”.

Mesmo quando a palavra “abandono¹⁸” não aparece de maneira explícita nos comentários, a ideia de uma negligência em relação aos cuidados que deveriam ser prestados ao Cemitério da Soledade aparece de outra forma, como quando seus túmulos históricos são vistos por um usuário como sendo consumidos pelo “descaso”. Na maioria das vezes, não se pontua o agente da negligência, mas ela está sinalizada em grande parte dos comentários feitos. Até mesmo em comentários que, em nossa análise, categorizamos como meramente informativos, por apenas informarem o que um possível visitante encontrará no espaço, também há o sinal de negligência: “O cemitério é muito antigo, um pouco abandonado, mas cheio de cultura e história. Fica no centro da cidade”. Esse comentário ressalta o tempo de existência do campo-santo e sua riqueza histórica e cultural, mas não sem deixar de sinalizar que ele é um pouco abandonado.

Ainda que a maior parte dos comentários evidencie o quanto o Cemitério da Soledade está abandonado e negligenciado, é importante ter em vista que eles ressaltam a importância deste espaço cemiterial. Como o título de um dos comentários indica:

¹⁸ Vale ressaltar que o “abandono” apresentado pelos turistas trata-se de uma interpretação de quem transita pelo espaço. Destacar esse contexto é importante porque o Soledade, durante anos, têm, por exemplo, frequentadores(as) interessados(as) em cultivar as almas de figuras nele enterradas, como o Menino Zezinho, a Preta Domingas e a Escrava Anastácia, cujas histórias os(as) fizeram ter devotos católicos e de religiões afro-brasileiras. Além dessas pessoas, há também pesquisadores(as) e comerciantes no entorno que, de certa forma, usufruem da necrópole e da sua história, o que faz, nós, autores(as) deste artigo, pensarmos que o “abandono” se dá pela ausência de políticas públicas de conservação e preservação do Soledade e não pela falta de uso do espaço. Podemos inferir que há indivíduos que o veem como local de visita, estudo e culto (RODRIGUES, 2014; SILVA, 2014; SOUZA, 2014).

“Mesmo com o abandono vale a pena a visita”. Esse comentário condensa uma ideia exposta em 23 dos 24 comentários analisados, a saber, a ideia de valorização do campo-santo, seja por seu aspecto histórico, seja pela importância turística que ele pode ter, se bem cuidado. Apenas um comentário não trouxe essa valorização, limitando-se à afirmação de que o Cemitério da Soledade não é um ponto turístico.

Sendo o TripAdvisor uma plataforma de viagens na qual os usuários podem avaliar e compartilhar suas avaliações sobre distintos lugares do mundo, notamos que um dos comentários, ao negar o título de ponto turístico ao Cemitério da Soledade, recusou-se a uma avaliação tal como o site preconiza, mas não sem chamar atenção para o abandono expresso nas pichações, sujeira e na sensação de insegurança dentro dele. Mais uma vez, ainda que este comentário não tenha destacado o valor deste espaço cemiterial e seu potencial turístico, vemos a ideia de que há abandono e negligência em relação a um espaço urbano.

Retomando Le Breton (2019), podemos situar a relação emocional dos comentários analisados no *site* TripAdvisor com o Cemitério da Soledade numa linha de significado específica, a saber, à que envolve o espaço urbano e sua relação com o cidadão e o governo. Antes de avançarmos, gostaríamos de contextualizar o emprego do termo cidadão em nossa análise. Estamos partindo da dimensão discursiva de uma sociedade democrática, com valores igualitários, onde a noção de cidadão¹⁹ pressupõe uma igualdade formal dos indivíduos perante a lei.

Contudo, a vivência da cidadania como papel social na sociedade brasileira apresenta uma divergência em relação a essa concepção igualitária. Esse desvio da noção de cidadania no Brasil foi estudado pelo autor a partir da relação entre os indivíduos e as leis. Interessa-nos aqui demarcar, de seu estudo, o fato paradoxal de que, no Brasil, a cidadania é vivenciada em uma relação hierárquica que inferioriza o cidadão diante da lei e da sociedade (DAMATTA, 1997).

É nessa linha de significado, demarcada pela relação entre cidadão e Estado, no interior de uma sociedade democrática, que contemplamos a emergência de relações hierárquicas específicas. Nesse sentido, entendemos que as ideias de negligência e abandono sugerem um sentimento de desprezo por parte dos usuários do site na direção de quem tem o dever de cuidar e preservar o Cemitério da Soledade. Dos 24 comentários,

¹⁹ De acordo com Roberto DaMatta (1997), a noção de cidadão, em uma sociedade de credo igualitário, torna a ideia de relações hierárquicas e de privilégio um contrassenso moral e social, uma vez que, em teoria, somos iguais perante a lei e a sociedade.

apenas um nomeou um agente que deveria garantir essa preservação, intitulado-o de maneira explícita: “governo municipal”. Não há, no restante dos comentários que destacam o abandono e a negligência, a nomeação de seus agentes, mas apenas a indicação de que ocorrem.

Coelho (2010), seguindo a análise feita por Miller (1997) sobre os sentimentos de nojo e desprezo, lembra que este autor os define como “emoções de demarcação de status” nas sociedades tradicionais. De acordo com a autora, o desprezo é um sentimento que, tradicionalmente, é expresso por quem se encontra em posição hierárquica superior em relação a quem ocupa uma situação inferiorizada (COELHO, 2010). Já em sociedades modernas democráticas, a autora argumenta que há também o “desprezo para cima”, praticado por pessoas de classes menos abastadas. Dessa forma, segundo ela:

Surge assim outra função micropolítica do desprezo: a contestação da hierarquia em sua versão “para cima”, e não mais somente seu reforço/ demarcação, como no desprezo “para baixo”. É assim que Miller sugere, então, de forma um tanto irônica, que esta parece ser uma conquista fundamental dos regimes democráticos: a instauração da possibilidade dos desprezos mútuos, em uma espécie de “socioeconomia” emocional da igualdade. (COELHO, 2010, p. 71–72).

Notamos essa função micropolítica do desprezo nos comentários recortados e analisados sobre o Cemitério da Soledade. A maneira como as falas dramatizam, alteraram e reforçam a dimensão macrosocial que as emoções enunciadas nos comentários são suscitadas e vivenciadas neste espaço configuram, partindo de nossa análise, uma micropolítica do desprezo, isto é, evidenciam a perspectiva do usuário ou do potencial usuário que gostaria de poder usufruir do local, mas que não o faz por determinadas questões, dentre elas, o desprezo estatal, além também de seu próprio desprezo diante do espaço.

Os comentários que põem em relevo o abandono no qual o campo-santo se encontra acusam implicitamente, ainda que sem nomeá-las, as entidades públicas que dele deveriam cuidar. Ao fazerem isso, alguns dos comentários destacam seu aspecto sujo, “prédios administrativos em frangalhos”, “tumbas sujas e quebradas”, servindo de abrigo para “drogatícios e/ou delinquentes”, demonstrando assim o desprezo do Poder Público por este *lôcus* do espaço urbano.

É importante deixar claro que, ao chamarmos atenção para os comentários que destacaram o abandono do Cemitério da Soledade e o descaso da política local em

preservá-lo, não estamos afirmando que tais comentários constatarem uma realidade objetiva preexistente, independente e externa ao comentário realizado. Lembremos aqui da noção foucaultiana de discurso, na qual a corrente contextualista em Antropologia das Emoções se embasa, isto é, no discurso entendido como constituinte do real de que fala. As relações de poder e estruturas hierárquicas entre cidadão e Estado, que estamos vislumbrando nos comentários sobre o abandono da necrópole pelo poder público, são atos emocionais discursivos.

Retomando o sentimento de desprezo envolvendo o Cemitério da Soledade, notamos que, num primeiro momento, o que se evidencia nos comentários analisados é a situação degradante do espaço cemiterial. A necrópole passa a ser destrutada, degradada, em suma, desprezada por quem de Direito deveria preservá-lo: a União e suas entidades e órgãos públicos com competência para exercer tal função. Contudo, há uma reciprocidade do sentimento de desprezo. Este não é apenas exercido pelo Estado sobre o Cemitério da Soledade, como os comentários demonstram. Isso porque, ao afirmar a situação degradante em que o campo-santo se encontra por conta do descaso do poder local, o usuário rebaixa este último, demonstrando que, na verdade, ele é menor do que deveria ser, ou, o que dá no mesmo, de que não está à altura de suas funções.

Para melhor compreensão do que estamos afirmando aqui, podemos supor que, ao denunciar o destrato do Soledade, o usuário da plataforma está fazendo uma afirmação como a seguinte: “o Estado não consegue dar conta de uma simples função como a preservação de um espaço cemiterial importante para a memória da cidade”. Nessa ótica, o que surge no discurso não é mais o desprezo do Estado pelo Cemitério da Soledade, mas sim o do cidadão/usuário que fez o comentário para com o poder público — desprezo esse denominado por Miller (1997) de desprezo para cima, como vimos na seção anterior.

Na relação hierárquica entre Estado e cidadão, num primeiro momento, temos o poder público numa posição hierárquica superior exercendo seu desprezo sobre o Cemitério da Soledade, deixando este último à própria sorte, entregue a “prédios administrativos em frangalhos”, “tumbas sujas e quebradas” e servindo de abrigo para “drogatícios e/ou delinquentes”, como os comentários analisados destacam. Nesse sentido, o que aparece manifesto nos comentários nos sugere um governo poderoso que faz do espaço cemiterial, o qual tinha por competência preservar, o que bem entende, podendo inclusive abandoná-lo. Assim, o sentimento de desprezo exercido surge não apenas na direção do Soledade, como também na dos belenenses obrigados a verem este espaço, que carrega a memória urbana de Belém há mais de um século.

Já num segundo momento, a análise micropolítica revela que é o Estado, e não o cidadão/usuário que escreveu o comentário, que aparece em posição inferior na relação hierárquica, dessa vez como objeto de desprezo. Essa inversão da relação hierárquica se dá na medida em que os comentários destacam a impotência dos políticos locais na realização de suas funções. Ao discorrer sobre o desprezo em culturas democráticas ou igualitárias, Miller (1997) afirma que tal sentimento, nessas culturas, refere-se à maneira como tratamos alguém, direcionando este tratamento com a intenção de fazer o outro dar conta de que fez algo inadequado.

Considerações Finais

Os comentários sobre o Cemitério da Soledade na plataforma TripAdvisor mostram emoções que nos levam a dois caminhos: o espaço é rico em história, memória, arquitetura, arte e afins, permitindo entender um pouco o contexto da capital, porém, simultaneamente, está em condições preocupantes no qual a visita se torna perigosa e inviável. Há comentários com posicionamentos e clamores sobre a urgência da restauração ou conversão do espaço em um parque ou praça. Os resultados mostram, a partir dos comentários, que frustração, indignação e tristeza são as emoções mais recorrentes, dando-nos a entender, em alguns casos, uma quebra de expectativa ao se deparar com um cenário dito pela maioria como abandonado.

O sentimento de desprezo se destaca dos diversos comentários analisados como um sentimento demarcador de uma relação hierárquica e da inversão dessa relação. A relação hierárquica, num primeiro momento da análise, é a de um Estado soberano que, tendo como uma de suas competências a preservação do Cemitério da Soledade, pode, em razão do poder que possui, abandoná-lo à própria sorte. Num segundo momento, refletimos que, por ser constituído como uma força abstrata maior que o cidadão, este deveria dar conta de suas funções. Contudo, ao constatar e apontar o abandono em que o Cemitério da Soledade se encontra, o poder público se revela, aos olhos do cidadão que lhe acusa, como menor do que deveria ser, não estando, portanto, à altura de suas funções — em outras palavras, rebaixado à imagem de si mesmo. Dessa maneira, o abandono em que o Cemitério da Soledade se encontra se transmuda, ao olhar dos comentários que destacam seu abandono, na ausência de políticas públicas de preservação.

As colocações de Miller (1997) a respeito da micropolítica refletem na inversão hierárquica que traçamos na análise das emoções presentes nos comentários, e em como a possibilidade da inversão da hierarquia é possível em muitas possibilidades teóricas e práticas, dentre elas, as vivências e percepções materiais e sensoriais dentro de espaços

fúnebres, neste artigo, retratado dentro do campo-santo paraense. Ainda nesta direção, propomos pensar as densidades da micropolítica elencadas por Rezende e Coelho (2010) como uma micropolítica do desprezo, que perpassa vários dos comentários retratados neste artigo.

O abandono do Cemitério da Soledade, posto em evidência nos comentários analisados, deixa implícita a redução de seu potencial turístico, e dicas foram sugeridas pelos usuários da plataforma para que esta situação seja alterada. Sendo assim, a requalificação da necrópole valorizará este patrimônio cultural e permitirá aos indivíduos trocarem experiências sobre um passado representado por meio de fragmentos do real. Enquanto patrimônio, o Soledade pode ser considerado um legado a ser mantido, estudado, compreendido e apropriado por outras gerações (FONSECA, 2009; GONÇALVES, 2007).

Nessa perspectiva, a degradação do Soledade pode ser pensada, não como um abandono intencional político que com ele não se preocupa, mas sim como a impotência de um Estado fraco que não está à altura de suas funções e que é incapaz de enxergar a importância da preservação do espaço cemiterial, tanto no que se refere à memória de Belém, quanto no que a preservação deste espaço poderia trazer de benefícios para a estimulação da economia e turismo da região.

Com a análise da plataforma, podemos concluir que há uma demanda pública, muitas vezes explícita de maneira individual, por uma resignificação do espaço, inclusive com lembranças da primeira e malsucedida reforma da década de 1990. Essa demanda, quando não explícita, pode ser constatada nos comentários que destacam o descaso e abandono em que o Cemitério da Soledade se encontra.

Referências

ALOISE, Julia Miranda. O restauro na atualidade e a atualidade dos restauradores. *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN*, Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigos_do_patrimonio_O_restauro_na_atualidade_e_a_atualidade_dos_restauradores_JuliaMiranda.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

BEVORT, Evelyne; BELLONI, Maria. Mídia educação: Conceitos, história e perspectivas. *Educação e Sociedade*, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, 2009.

BORGES, João Carlos de Freitas; CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. Território, Identidade e Memória: Tramas conceituais para pensar a piauiensidade. *In: IX*

Seminário de Iniciação Científica. Anais eletrônicos do IX Seminário de Iniciação Científica. Teresina, 2010. p. 1-10. Disponível em: <https://doceru.com/doc/xxsv5vv>. BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, Conselho Nacional do Meio Ambiente, CONAMA. Resolução CONAMA nº 335 de 03 de Abril de 2003. Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. 03 fev. 2003.

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine (Eds.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 1–23.

COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. *Mana* [online]. 2010, v. 16, n. 2 [Acessado 2 Janeiro 2022], pp. 265–285. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132010000200001>

DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; GADELHA, Kaciano; RANGEL, Everton. Nojo, humilhação e desprezo: uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. *Anuário Antropológico*, v. 46, n. 3, p. 10–29, 2021.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Patrimônio: Discutindo alguns conceitos. *Diálogos*, v. 10, n. 3, p. 79–88, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: Ensaio contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 56-76.

G1 PARÁ. 2021. Cemitério da Soledade será restaurado e transformado em parque urbano em Belém. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/07/12/cemiterio-da-soledade-sera-restaurado-e-transformado-em-parque-urbano-em-belem.ghtml>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os limites do patrimônio. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane (Orgs.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: ABA, Nova Letra, 2007. p. 239–248.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, v. 28, n. 55, p. 211–228, janeiro-junho 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Gilberto Velho e a antropologia das

emoções no Brasil. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 41, p. 22–37, 2015.

LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

LEOTI, Alice; PEREIRA, Tércio; TRICÁRICO, Luciano; ROSSINI, Diva. Cemitério do Imigrante de Joinville/ SC: Um estudo acerca das emoções expressadas no TripAdvisor. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, SI: Grupo de Pesquisa eumed.net, v. 12, n. 26, p. 1–18, 2019. Disponível em <<https://www.eumed.net/rev/turydes/26/cemiterio-joinville.html>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, n. 17, p. 95-105, 2005.

LUTZ, Catherine; Geoffrey, WHITE. The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, v. 15, p. 405-436, 1986. DOI: 10.1146/annurev.an.15.100186.002201

MAIA, Michelle Ferreira. “Milagreiros”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978). Tese de doutorado. Universidade Federal da Grande Dourados, MS: UFGD, 2015.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: MARCEL MAUSSINSERIR AUTOR DO LIVRO. *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva. 2001. p. 325–335.

MILLER, William Ian Miller. *The anatomy of disgust*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

PEREIRA, Tércio; LIMBERGER, Pablo Flôres. Turismo cemiterial: Um estudo sobre as experiências no cemitério da consolação a partir do TripAdvisor. *Revista Reuna*, v. 25, n. 1, p. 1–19, 2020. Disponível em <<https://revistas.una.br/reuna/article/view/1074>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10. P. 200-212, 1992. Disponível em <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PUERTO, Charlene Brum Del. *Turismo em cemitério: O Cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles*. 2016. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. *Duas faces da morte: O corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade*, em Belém/PA. 2014. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

ROSALDO, Michelle. Toward an anthropology of self and feeling. In: SHWEDER, Richard; LEVINE, Robert (Ed.). *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137–157.

SANTOS, André da Rocha. Revitalização para quem? Política urbana e gentrificação no Centro de Santos. *Cadernos Metrópole*, v. 16, n. 32, p. 587-607, 2014. SALES, Valéria Fernanda Sousa. *Saudades, Reencontros e Manicuera: espetacularidades entrecruzadas de afeto na Iluminação dos Mortos em Curuçá-PA*. 2022. 175f. Tese (Doutorado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, UFPA, Belém-PA.

SILVA, Pâmela Anne Bahia Vieira da. *Deterioração das pedras da arquitetura mortuária do Cemitério Nossa Senhora da Soledade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SOUZA, Afonso Maria de Ligório. *O cemitério da Soledade e o consumo do patrimônio cultural*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

STONE, Philip; SHARPLEY, Richard. Consuming Dark Tourism: A Thanatological Perspective. *Annals of Tourism Research*, v. 35, n. 2, p. 574–595, 2008.

TAMASO, Izabela. Por uma distinção dos patrimônios em relação à história, à memória e à identidade. In: PAULA, Zueleide Casagrande de; MENDONÇA, Lúcia Glicério; ROMANELLO, Jorge Luis (Orgs.). *Polifonia do patrimônio*. Londrina: Eduel, 2012. p. 21–45.

TRIPADVISOR. *TripAdvisor*, 2017. Cemitério da Soledade - Belém. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303404-d8372326-Reviews-or20-Cemiterio_da_Soledade-Belem_State_of_Para.html. Acesso em: 15 jul. 2021.

TRIPADVISOR. *TripAdvisor*, 2018. Cemitério da Soledade - Belém. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303404-d8372326-Reviews-Cemiterio_da_Soledade-Belem_State_of_Para.html. Acesso em: 15 jul. 2021.

TRIPADVISOR. *TripAdvisor*, 2019. Cemitério da Soledade - Belém. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303404-d8372326-Reviews-Cemiterio_da_Soledade-Belem_State_of_Para.html. Acesso em: 15 jul. 2021.

Recebido em 13 de setembro de 2022

Aceito em 16 de janeiro de 2023